
As mamãs de Angelina Jolie e as relações de corpo, cultura e comunicação no discurso da revista Veja

Claudio Bertolli Filho¹
Muriel Emídio Pessoa do Amaral²

Resumo: Esse artigo pretende analisar a representação construída pela revista Veja sobre a atriz americana Angelina Jolie, tendo como recorte a cobertura realizada sobre a mastectomia dupla preventiva a que ela foi submetida. Com base nas reflexões de Michel Foucault, Felix Guattari e Gilles Deleuze sobre análise de discurso, esse artigo não se atém exclusivamente às contribuições da lingüística, mas contempla o entendimento da cultura e do sujeito para a formação discursiva. Essas reflexões contribuem para a compreensão desse fato dentro do cenário midiático para controle e disciplina do corpo.

Palavras-chave: Angelina Jolie; comunicação; cultura; revista Veja

Abstract: This article analyzes the representation made by Veja magazine about american actress Angelina Jolie about the news about her preventive double mastectomy wich she was submitted. Based on the reflections of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Felix Guattari on discourse analysis this article does not cramp about the contributions of linguistics. These reflections contribute to the understanding of this fact within the media landscape to control and discipline the body.

Keywords: Angelina Jolie; communication; culture; Veja magazine

Introdução

O Em 2013, a atriz americana Angelina Jolie foi mais uma vez alvo dos holofotes da imprensa. Após a publicação de uma carta escrita por ela e publicada no na imprensa internacional³, ela anuncia que foi submetida a uma cirurgia

¹ Professor da Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho"(Unesp/Bauru), Mestre e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Email: cbertolli@uol.com.br

² Mestre pela Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho"(Unesp/Bauru). Email: murielamaral@yahoo.com.br

³ O link apresenta a carta escrita na íntegra pela atriz. http://www.nytimes.com/2013/05/14/opinion/my-medical-choice.html?hp&_r=0

para a remoção das glândulas mamárias nos dois seios. A atitude dela foi divulgada pela imprensa mundial e em pouco tempo estampou o noticiário mundial. A opção pela realização da cirurgia causou certa polêmica no meio comunicacional por que trouxe à tona discussões sobre a incidência do câncer de mama, o uso da tecnologia em nome da saúde e a tomada de decisões precipitadas. Todavia, sob outro ponto de vista, a opção pela mastectomia dupla preventiva pôde ser observada quanto à disciplina do corpo pela tecnologia e a participação da comunicação enquanto uma entidade mediadora para a realização desse processo.

Para apresentar a repercussão midiática da atitude de Angelina e verificar os códigos que evidenciam a disciplina do corpo, esse artigo se propõe analisar a representação do fato realizado pela revista *Veja*. Embora reconhecemos que outros veículos de comunicação também apresentaram uma ampla cobertura sobre o assunto, a escolha da análise dessa publicação se faz por ser a revista de maior circulação no Brasil.

Sobre a atriz, não é de hoje que ela recebe atenção da imprensa sobre suas atitudes. Por ser uma figura midiática, Angelina tem a vida pessoal e profissional acompanhada passo a passo por jornalistas e fotógrafos. A relação tumultuada com o pai, os três casamentos, a suposta bissexualidade, as causas humanitárias e adoção de três dos seus seis filhos que tem com o ator Brad Pitt são alguns dos temas que fazem dela uma figura midiática. Com a cirurgia não poderia ser diferente.

Com o objetivo de não ter uma morte precoce e não passar pelos mesmos problemas que a mãe dela, Angelina opta pela extração das mamas para afastar de forma mais eficaz qualquer possibilidade de incidência de câncer. A mãe dela, a atriz Marcheline Bertrand, morreu em 2007 por conta de câncer nos ovários e nas mamas. Com a realização da mastectomia, ela teria mais qualidade de vida e poderia acompanhar o crescimento dos filhos. Após uma bateria de exame para detectar anomalias genéticas, foi detectado que o gene BRCA 1 apresen-

ta uma deficiência que oferece risco de 87% para desenvolver câncer de mama e 50% de câncer de ovário. Mesmo havendo tratamentos para o combate da doença, ela optou pela cirurgia, rejeitando as estruturas orgânicas do próprio corpo e as substituindo por próteses de silicone, hoje a chance de desenvolver a doença não ultrapassa a margem de 5%.

Considerações Teóricas

Para darmos sequência ao artigo, é importante esclarecer alguns posicionamentos. É interessante pontuar o fato da atriz utilizar um dos maiores veículos de comunicação do mundo para abordar um fato de cunho pessoal. A repercussão do fato estabelece uma relação de globalização pelos fluxos de comunicação e informação sem fronteiras, dentro do pensamento de Manuel Castells (1996), atendendo a uma cultura globalizante. Ainda nessa perspectiva, a globalização da informação proporcionou, em escalas planetárias, alternativas de acesso à informação mais livres, o que não quer dizer mais democráticas, incluindo pela tecnologia multiplataformas (Jenkins, 2009) como sendo umas manifestações do capitalismo que contempla a informação e “tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital” (Moraes, 1998, p.50).

A cultura global proporcionada pelos meios de comunicação fomenta um estilo de vida no cotidiano contemporâneo, fortalecendo códigos morais de vivência e convivência. Como consequência dessa prática, é provida a necessidade da informação como mediadora do cotidiano, disseminando valores e promovendo sentido para as ações de âmbito social. A convivência no espaço social, muitas vezes, é perpassada pela midiaticização dos acontecimentos que são difun-

didados em cadeia global por meios de comunicação que interpretam a informação como sendo um bem dentro do universo capitalista de produção.

Nessa perspectiva, a revista pertence à Editora Abril e, segundo o site da instituição “hoje, é um dos maiores e mais influentes grupos de comunicação e educação da América Latina.” É interessante a colocação do site quanto à influência dentro das áreas da comunicação e da educação, nessa posição contribui para um diálogo mais aberto dentro do pensamento proposto por Michel Foucault. Na obra *Microfísica do poder* (1997), o autor apresenta uma colocação pertinente ao afirmar que o poder não é algo centrado exclusivamente na operação das ações do Estado enquanto uma fonte única para o exercício e a manutenção da ordem. Foucault estabelece um deslocamento desse pensamento e investiga a interferência de outros discursos para o exercício do poder como, por exemplo, a influência de discursos religiosos, médicos, comunicacionais, pedagógicos para a subjetivação dos indivíduos, assim, o poder se encontra em várias esferas sociais.

Dessa forma, a intenção desses discursos se encontra também na intenção de disciplina como dispositivos de controle no movimento de tornar esses corpos dóceis. O corpo se torna um objeto a ser dominado, segundo Foucault (2008), e há a uma força que atua para a disciplina do corpo no sentido de controle da biologia humana, assim são realizadas as ações de controle de natalidade, epidemia e mortes, denominada biopolítica. A necessidade de enquadramento desses indivíduos dentro de um código disciplinante, para o autor, promove a manutenção econômica e social, e os indivíduos dissidentes, que fogem à regra de normatização dos padrões sociais, oferecem riscos para a condição moral burguesa e capitalista.

A biopolítica não perpassa apenas as ações governamentais, como apresentado, o poder se encontra também no discurso pedagógico e disciplinador que condicionam o corpo como sendo resultado do poder e do saber, ou seja, o sintoma de uma relação de poderes. A intenção dessas forças, para Foucault, atua e se estabelece de tal forma que condiciona a uma representação de norma-

lidade; cristaliza e hierarquiza os indivíduos nas relações de convivência social. Nessas manifestações que entram em cena a influência da comunicação como disciplinadora de subjetividades.

Essa condição de controle do corpo se estende para além de medidas profiláticas, de higiene pessoal e cuidados de si, ainda dentro de concepção foucaultiana. Assim, as tecnologias e dispositivos para governo do próprio corpo se edificam na intenção “singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo” (Foucault, 2010, p.50). Em outro estudo, o autor estabelece a necessidade de cuidados de si na condição primordial de existência. “o cuidado de si é um privilégio-dever, um dom-obrigação que nos assegura a liberdade obrigando-nos a tomar-nos nós próprios como objeto de toda a nossa aplicação”, (Foucault, 1985, p.53).

A relação entre as reflexões foucaultianas para a disciplina do corpo se manifesta também pelos discursos midiáticos construídos sobre a atitude da atriz por realizar a cirurgia. O corpo como sendo um objeto em modificação pelo exercício da cultura tecnológica. Guatarri (1993) apresenta que a produção de subjetividades depende cada vez mais de uma infinidade de sistemas máqunicos ou outras estruturas que convergem com a utilização de tecnologias. Mesmo ocasionando essas transformações, o autor não vislumbra um futuro que não seja mediado por alguma tecnologia para o entendimento da composição das subjetividades.

(...) não tem sentido o homem querer desviar-se das máquinas já que, afinal de contas, elas não são nada mais do que formas hiperdesenvolvidas e hiperconcentradas de certos aspectos de uma própria subjetividade – e estes aspectos, diga-se de passagem, justamente não são daqueles que o polarizam em relação de dominação e de poder. Teremos lançado uma dupla ponte, do homem em direção à máquina e da máquina em direção ao homem (GUATTARI, 1993:177-178)

A cultura tecnológica fomenta uma condição moral contemporânea de grande representação e ultrapassa os limites definidos da pele, invade as entranhas, aloja-se na carne ou substitui vísceras, esquadrinha, redesenha o corpo. Não é rara a condição de interferência da tecnologia como uma proposta de resignificação da subjetividade. Estruturas alheias à composição orgânica são somadas à interferência tecnológica para outro conceito de vida. A condição biológica não garante todas as condições de sobrevivência, há a tecnologia e uma série de artefatos que estão disponíveis para que o projeto de vida não seja uma missão fracassada: cirurgias, próteses, órteses, uma gama de produtos das indústrias farmacêutica e cosmética à disposição no mercado. Pireddu (2010) considera que o investimento no corpo com o apoio da tecnologia pelas ciências médicas não conota uma imperfeição do corpo, mas um auxílio no melhoramento daquilo que o orgânico não pode alcançar, reconsiderando as fronteiras do antropocentrismo e das referências de cultura, denominado por ele como pós-humanismo.

O pós-humanismo (...) não só considera a tecnologia como algo estranho ao homem como também rejeita os costumeiros modelos dicotômicos nos quais se fundam a tradição filosófica ocidental: natureza/ cultura, mente/corpo, material/imaterial. (...) O processo cultural é um “evento de hibridação”, e a tecnologia não “completa” uma suposta falta do homem, mas, ao contrário, amplia o campo do seu operar (PIREDDU, 2010: 47)

O pensamento de Pireddu acompanha as reflexões de Paula Sibilia (2002) acerca das relações do corpo com a tecnologia. Para a autora, a presença da tecnologia na cultura contemporânea se torna uma referência fáustica, fazendo alusão ao personagem mitológico Fausto, que tem uma ânsia pelo crescimento e almejar o desenvolvimento humano. A arriscada proeza obteve sucesso e as atitudes fáusticas na atualidade podem ser interpretadas na perspectiva de investimento das tecnociências, visando a melhoria da qualidade de vida e, por consequência, o afastamento da morte. Sendo assim, o corpo se encontra um estágio de evolução denominado pela autora como pós-orgânico.

Os posicionamentos dela seguem ao apresentar que a moral do corpo pós-orgânico desdenha e repudia as estruturas orgânicas, ou seja, há uma confiança na tecnologia de superar as qualidades naturais do corpo. Uma vez que foi possível vasculhar, esquadrihar, destrinchar o corpo, as informações genéticas e muitas das qualidades orgânicas se tornam possíveis em muitos casos de interferência tecnológica na dinâmica do corpo.

Por ser um saber de tipo fáustico, a tecnociência contemporânea almeja ultrapassar todas as limitações ligadas à materialidade do corpo humano, rudes obstáculos orgânicos que restringem as potencialidades e as ambições dos homens. Vários deles correspondem ao eixo temporal da existência. A fim de romper essa barreira imposta pela temporalidade humana, portanto, o armamento científico-tecnológico é colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo e em luta contra o envelhecimento e a morte. (SIBILIA, 2002:49).

É interessante essa colocação de Le Breton acerca da promessa de felicidade e prazer com o deslocamento de sentido da condição do corpo com fonte de prazer. Ainda em relação ao corpo e a tecnologia, para Massimo Di Felici, é estabelecido o movimento de *trepassing*, que é justamente a intenção de transpassar os limites da própria condição orgânica. Na condição de análise desse trabalho, é realizado o *trepassing IV*⁴, que se refere à relação do orgânico ao inorgânico, um movimento que, para o autor, se direciona à coisa, ao sintético, ao estranho daquilo que o que corpo carrega de natural.

(...) um novo tipo de hibridismo, cujas características são consideradas um novo tipo de negociação entre o orgânico e o inorgânico que supera a forma dicotômica e introduz uma nova interação simbiótica (...) o humano e o sintético se misturam para produzir algo que não pode mais pertencer nem ao humano, nem ao orgânico (...) nos incentiva a repensar a relação entre orgânico e inorgânico e a delinear melhor os significados atribuídos ao pós-humano na época contemporânea(...) (DI FELICE, 2010: 84-85).

⁴ De acordo com o autor, a condição de *trepassing* se encontra em quatro graus de representação, variando de acordo com a ação de interferência no corpo.

Le Breton (2012) evidencia mais um olhar acerca da reconfiguração do corpo em parceria com a tecnologia. Na esteira da condição do pós-humano, houve a concreção dos termos “transição” e “humano”, o autor qualifica o corpo como sendo trans-humanista. Pode-se deferir que a noção de transição se explica no movimento de passagem de um campo de significação para outro sentido, todavia que tende ao infinito, uma incessante busca pelos processos de significação do corpo em nome da vida com o auxílio da tecnologia. Le Breton aponta que há uma reformulação do corpo pela tecnologia, atribuindo às interseções promovidas por tecnologia outra moral para o entendimento do corpo, anulando as linhas firmes de “demarcação entre a existência corporal e a simulação da informática, mecanismo cibernético, teleologia robótica e os rostos humanos” (p.29) e menosprezando as qualidades orgânicas do corpo. Além disso, o corpo constituído nas referências da trans-humanidade visa a eternidade da vida, o prazer do gozo e a ausência de limites para a contemplação da felicidade

O reino biológico seria, portanto, nulo e em via de liquefação pelas máquinas que doravante o invadem [o corpo] ou o programam ao controlarem totalmente seu entorno. (...) Os trans-humanistas pretendem prolongar ao infinito sua existência graças ao aperfeiçoamento das técnicas. Para lutar contra o envelhecimento ou a morte faz-se necessário aperfeiçoar o homem no corpo, desalojando-o de suas fragilidades (...) A técnica torna-se um caminho de salvação para libertar o homem de seus antigos limites, que doravante são colocados em termos de fardos. Exigência de uma liberdade que nada mais reivindica senão o prazer, e nunca a responsabilidade. As tecnologias não são mais exclusivamente percebidas como exteriores ao corpo, mas vindas para assumir seu lugar, para transformá-lo em instrumento mais eficaz, eliminando definitivamente suas funções inúteis e suprindo as indispensáveis . O trans-humanismo persegue o sonho de um homem não sofredor, inalterado pelas emoções, mestre de si mesmo e imortal (LE BRETON, 2012:29-31).

Essas reflexões dialogam e fundamentam que as mudanças no corpo ocorrem em movimento de controle e disciplina do corpo. Como referência o pensamento foucaultiano sobre da disciplina e biopolítica, a tecnociência se tor-

na um discurso modalizador e vai ao encontro dos discursos capitalistas na elevação do corpo que pode ser alvo de investimentos e dedicação oferecendo interferências que podem e devem ser consumidas pelo corpo. A biopolítica estimula os propósitos comportamentais que promovam medidas de higiene, profilaxia e precauções para a incidência de doenças e epidemias para a obtenção do corpo saudável. Um ideal que teve origem no final do século XIX pelo desenvolvimento das medidas médico-científicas para a proposta o estímulo e disseminação das descobertas para as propostas de saúde que, mesmo sendo antigas essas representações ainda estão presentes, se apresentando em outras perspectivas.

Sibilia apresenta uma reflexão interessante quanto à conjugação dos dois conceitos de biopolítica e tecnociência sob a ótica do capitalismo industrial enquanto práticas normalizadoras de comportamentos com a intenção de promoção de referências que sugerem o desenvolvimento social e a normatização do corpo.

Como mostra Foucault, o objetivo das biopolíticas era organizar a vida, cultivá-la, protegê-la, garanti-la e multiplicá-la, regulá-la, controlar e compensar suas contingências e compensar suas contingências, delimitando as suas possibilidades biológicas ao encaixá-las em um formato preestabelecido e definido como “normal”. Dessa maneira foram administrados todos os processos inerentes às populações vivas: natalidade, mortalidade, morbidade, procriação, lactância, epidemias, envelhecimento, incapacidades físicas e efeitos do meio ambiente (SIBILIA, 2002:161)

Assim, as medidas adotadas para o controle exercido pelas forças do biopoder ocasionam o ajustamento frente aos processos econômicos, ou seja, indivíduos disciplinados e orientados para a reprodução de comportamentos que ofereçam menos riscos e ônus às políticas de saúde. Essa qualidade oferece uma condição a mais para que se produza e trabalhe mais dentro de uma ordem capitalista de produção, que, de alguma forma, a representação de Angelina Jolie teve essa característica pela revista. O uso de tecnologias para o corpo pós-orgâ-

nico tem a capacidade de reprogramar a vida e, no entendimento do conceito de biopoder, descortina de modo singular a promessa do corpo fáustico, reconsiderando as concepções orgânicas e depositando a promessa de vida na tecnologia. Ainda na perspectiva foucaultiana, Sibilia afirma que a intenção é de promover a vida e amenizar as deficiências.

Atiçada pelos influxos fáusticos, nas formas atuais do biopoder é intensificada essa vontade de aumentar, prolongar, multiplicar a vida, bem como de desviar, compensar, corrigir ou alterar as suas “deficiências” agora entendidas como “erros digitais” fatalmente inscritos nos códigos genéticos. Se as biopolíticas procuraram, desde o começo, dominar a caótica aleatoriedade que rege o substrato biológico das populações, controlar os eventos fortuitos que podem ocorrer em toda massa viva, hoje esse impulso é acentuado pelas potencialidades técnicas e políticas da tecnociência fáustica. Aliados inextricavelmente ao espírito empresarial, os novos saberes privatizados e descentralizados oferecem no mercado a promessa de dominar o imprevisível, exacerbando assim uma das qualidades originais da produção biopolítica: “controlar (eventualmente modificar) a probabilidade dos eventos biológicos, em todo caso compensar seus efeitos” (SIBILIA, 2002:171)

Com esses posicionamentos, é pertinente considerar a relevância das propostas tecnológicas no cenário social e a relação existente com os códigos morais contemporâneos que incluem, além do usufruto das propostas tecnocientíficas, as relações de consumo e capital na contemplação da vida. São discursos que se completam e se entrelaçam para que sejam compreendidas as novas concepções do corpo pós-orgânico. A atriz é uma representação dessa nova perspectiva de qualidade de corpo. A opção dela pela cirurgia, para que assim não sofresse das possibilidades de um câncer na região, é uma representação dessa qualidade moral entre tecnologia e corpo.

É interessante suscitar algumas referências no passado para elucidar essa realidade. Como exemplo, a fundamentação teórica do Iluminismo que teorizou sobre o exercício da razão para o desenvolvimento humano pelo aprimoramento da ciência e a emergência do capitalismo e da classe burguesa. De alguma for-

ma, esses significados são trazidos à tona como a promessa para a elevação da condição do homem no espaço social. Não na condição daquela época em que o corpo e a mente eram entendidos de modos separados, mas na confluência entre essas duas porções da existência humana.

Certamente que a fé na ciência como uma vedete para o desenvolvimento foi alvo de críticas como as que foram apresentados por Nietzsche ao discorrer sobre o devir enquanto uma qualidade inerente ao homem para a própria evolução. Quanto ao diálogo entre capitalismo e tecnologia, assunto abordado de diversas formas como o posicionamento de Walter Benjamin (1986) enquanto ao uso das obras de artes passíveis de reprodução para a formação de um discurso unilateral de poder e dominação; uma manifestação de alienação e prazer pelos efeitos sensoriais da capacidade de excitação pelos meios de comunicação. Em uma perspectiva semelhante, Hannah Arendt (1983) pontua o capital como canal para a obtenção de prazeres e o auxílio da tecnologia pode, de alguma forma, auxiliar nesse processo, principalmente quanto à relação estabelecida entre o indivíduo e o trabalho. Mesmo havendo esse posicionamento crítico acerca do desenvolvimento tecnológico, alguns discursos permanecem constantes ao estabelecer a relação entre a promessa do progresso pela ciência e da humanidade.

Quanto ao discurso, a pesquisa não pretende se alongar quanto às teorias de produção textual ou análise de discurso, todavia, algumas considerações são importantes ser pontuadas sobre esse tema. Ainda na antiguidade, a produção discursiva estava relacionada com algumas referências de significação, ainda mais quando levadas em consideração a retórica aristotélica. Uma delas é o *pathos*⁵, ou seja, a capacidade de promoção de sensibilidade de um determinado público perante algum discurso proferido, cabendo ao orador a escolha dos signos para a proposição de um discurso que promova a identificação e estabeleça algum laço de união entre o orador e o público de forte valor sentimental. Essa

⁵ No pensamento do filósofo, descrito na obra *Retórica*, o discurso pode se articular de três formas, além do *pathos*: pelo *ethos* (baseado no caráter do orador do discurso que é calcado na dignidade, racionalidade e virtuosidades desse indivíduo) e pelo *logos* (que é a argumentação centrada na racionalidade e lógica)

referência será importante para estabelecermos uma relação entre a promoção de sensações entre o enunciador e o público da mensagem.

A produção discursiva se realiza primeiramente dentro do encadeamento de signos que, por sua vez, se articula no movimento de oferecer significação. O sentido que surge como resultado da significação é objeto de estudo das análises do discurso. Mesmo reconhecendo a importância das contribuições estruturalistas da linguagem, é importante ressaltar que a produção discursiva se encontra como uma construção que se apresenta em consonância com as considerações históricas e culturais inscritas no tempo e no espaço. Assim, é preciso fazer algumas considerações sobre a relação existente sobre a cultura em que se encontra o discurso apresentado pela revista *Veja*.

A primeira colocação, como apresentada anteriormente, a revista faz parte de uma grande rede de comunicação de massa que abastece nacionalmente o país de informação dos mais variados assuntos. Essas instituições mediam as relações de veiculação da informação não apenas na condição de veículos de comunicação, mas em torno de ideologias e atividades que giram em torno de interesses da informação enquanto um bem de consumo. Assim, a influência da mídia não apenas media o conteúdo da informação, mas apresenta como o assunto deverá ser discutido no âmbito social. Essa concepção é o entendimento da Hipótese da Agenda-setting. “A teoria da Agenda demonstra que a compreensão as pessoas têm de grande parte da realidade social é fornecida predominantemente pelos meios de comunicação de massa”. (Nery, Temer, 2009, p.72), estabelecendo a forma de pensar e o sobre o que pensar acerca de determinado assunto, uma forma de controle e disciplina; e a participação social é compreendida pelo acompanhamento da mídia e pela disseminação do discurso veiculado pela mídia.

Essa consideração suscita a condição moral contemporânea da importância que os meios de comunicação realizam na vida cotidiana. Assim, a produção e reprodução desse discurso fomentam com mais ênfase a cultura midiática, em que os valores disseminados por essa qualidade de cultura se estabelecem por

um sistema de produção de sentido e de pertencimento, na mesma proporção que promove a exclusão e anomalia aqueles que não compartilham desses signos que são considerados simbólicos enquanto uma relação de pertencimento (Moreira, 2003). O autor apresenta algumas considerações importantes que pautam o conceito de cultura midiática e a formação desse sistema simbólico.

Cultura midiática tem a ver com determinada visão de mundo, com valores e comportamentos, com a absorção de padrões de gostos e de consumo, com a internalização de “imagens de felicidade” e promessas de realização de ser humano, produzidas e disseminadas no capitalismo avançado por intermédio dos conglomerados empresariais da comunicação, do entretenimento, e, principalmente, da publicidade. Num âmbito mais amplo e necessariamente genérico, cultura midiática é a cultura do mercado pensada e produzida para ser transmitida para o consumo segundo a gramática, a lógica própria, a estética e a forma de incidência e recepção peculiares ao sistema midiático-cultural. Neste sentido, a noção de cultura midiática é devoradora e retoma muitas implicações do conceito de indústria cultural, (...), mas deseja apontar ou circunscrever realidades específicas do estágio atual de midiaticização da cultura. (...) Na cultura midiática não se trata apenas da conformação do público a determinados hábitos, padrões de comportamento, valores, gostos, preferências, difundidos por meio da mídia, mas da criação, da duplicação, ou da recriação da realidade por meio dela. (...) (MOREIRA, 2003: 1208-1209)

São pertinentes as colocações sobre o assunto pois apresenta uma relação de cumplicidade entre o receptor e os enunciadores dos discursos midiáticos. Certamente que nem todos os veículos de comunicação operam dentro dessa faixa de atuação, mas, a cultura midiática se tornou uma prática moral contemporânea, uma condição já pensada por Edgar Morin no final dos anos de 1960 quanto ao pensamento culturoológico (2011). O posicionamento de Morin estabelece um diálogo aberto entre a comunicação e a antropologia ao permear os conceitos dentro uma perspectiva simbólica e de significação que é traçada para o entendimento da cultura dos meios de comunicação de massa. Primeiramente, ele acredita que a contemporaneidade contempla várias representações de cul-

tura, sugerindo multiculturalismo, e a cultura de massa se manifesta dentro dessa perspectiva enquanto uma ordem capitalista e de homogeneização. Morin entende a cultura como “normas, símbolos, imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções” (p. 18). São contributivas as considerações dele, pois dialoga com o conceito pensado por Geertz

(...) essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1978:15).

O pensamento de Morin contribui para compreender que a atuação dos meios de comunicação de massa estabelece um código cultural não inferior, nem superior às demais representações culturais, mas um forte esquema de sintoma contemporâneo de significação simbólica do cotidiano. Além disso, segundo o autor, há a confluência quanto ao modo de compreender a realidade e a imaginação, justamente pela necessidade de criação de figuras olímpicas dentro do cenário midiático. Essas figuras realizam sincretismos entre os valores de realidade e imaginação e são construídas em arquétipos para alimentar o “ser semi-real, semi-imaginário” (Morin, 2011, p.18), em movimentos de projeção às promessas e ações discursivas da comunicação de massa. Por isso que, para Morin, a comunicação estabelece uma ordem que sensibiliza a alma, esse discurso tende a estabelecer uma relação de pathos com o público no intuito de ser tocante à condição humana. Essas reflexões se tornam importantes para o entendimento das incursões sociais para a análise da formação discursiva da revista. A atriz na sua condição olímpica se torna um elo entre a sociedade e a tecnologia contemporânea.

A apresentação desses conceitos contribui para o entendimento do discurso da Veja para a representação da atriz quanto à cirurgia. Além das colocações linguísticas que são realizadas pela busca de sentido quanto aos signos nos enunciados, é importante fazer considerações sociais que, inclusive, permeiam o

reconhecimento do sujeito enunciador, o recorte que está inserido esse discurso no tempo e no espaço, bem como a ideologia que carrega o enunciador.

Dessa forma, pode-se deduzir que o enunciado não se encontra alojado de forma atomizada apenas na condição linguística. Deleuze e Guatarri apresentam que o enunciado, parte elementar da linguagem, que articula o discurso, é uma palavra de ordem e que as palavras de ordem não se encontram apenas no modo imperativo para a produção de ação. Para os autores, a palavra de ordem pode ser

(...) a relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado, e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem, então apenas aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. Não existe enunciado que apresente esse vínculo, direta ou indiretamente. Uma pergunta, uma promessa são palavras de ordem, pressupostos implícitos ou atos de fala que percorrem uma língua em um dado momento (...) A informação é apenas uma o mínimo estritamente necessário para a emissão, transmissão e observação das ordens consideradas como comandos (DELEUZE; GUATARRI, 1995:13-16)

Essa consideração é interessante dentro do discurso em análise, pois leva em consideração a ordem para a promoção de uma ação, o que anula qualquer possibilidade de isenção de intencionalidade do discurso. Como ponte para essa reflexão, Foucault (1995) acredita que o discurso se torna uma relação de poder, uma condição que se encontra fora do discurso enquanto uma condição linguística, mas que faz parte do discurso.

(...) o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrinsecamente entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias(...) não tratar mais os discursos como conjuntos de signos (...), mas como práticas que formam sistematicamente os

objetos que falam. Certamente os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1995: 56)

Esse “mais”, para Fischer (2012), se refere a uma rede conceitual que é própria do discurso e que as regras de formação desses conceitos não se encontram de modo individualizado, “mas, estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo”(p.75). No caso do discurso midiático, essa qualidade discursiva apresenta um sujeito móvel, não no sentido de ser indefinido, mas se manifesta pelo contato com outras formas discursivas para legitimar o conhecimento calcado pela ideologia vigente do enunciador. No caso da cobertura jornalística em análise, não é apenas a revista *Veja* enquanto uma entidade institucional que se manifesta, mas há a apropriação de vários outros discursos para legitimar o saber pelas estruturas de poder edificadas pela revista: médicos, pacientes e pesquisas são algumas entidades que também ocupam o lugar de enunciadores.

Além dessa característica, é pertinente a consideração de Foucault enquanto a articulação existente entre poder e saber. Brandão (2012) sintetiza essa competência discursiva sob a ótica foucaultiana

o discurso é o espaço em que saber poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente. Esse discurso, que passa por verdadeiro, que veicula saber (saber institucional), é gerador de poder (2012: 37).

Nessa perspectiva que se realiza o discurso midiático, como legitimador de outros discursos e fomentador de ideologias e ações. É pertinente a pontuação de que os meios de comunicação fazem a mediação entre os fatos e a sociedade e nessa operação os discursos midiáticos se estabelecem como forma de disciplina e controle de subjetividades.

Enquanto legitimador de outros discursos, esse fato acontece pela apropriação de outros discursos. Entre os exemplos, há o mastologista Antonio Luiz Frasson, do Instituto de Oncologia do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, e professor da Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. “Indico a cirurgia profilática a toda paciente que chegue ao meu consultório com o teste positivo. É a medida mais eficaz” (Revista Veja, p. 94). O trecho da fala do mastologista inibe qualquer outra medida de cuidado contra a doença para garantir a promoção de realização da cirurgia. Anteriormente ao comentário do médico, a revista apresenta uma comparação entre os Estados Unidos e o Brasil sobre a proporção de realização dessa cirurgia.

Nos Estados Unidos, cerca de 50% das pacientes portadoras dos genes malignos optam pela abordagem cirúrgica radical preventiva. No Brasil, quatro em cada cinco dessas pacientes preferem a vigilância constante, o stress dos testes e fogem do bisturi. (idem, ibidem).

Uma comparação, do ponto de vista econômico, anacrônica, uma vez que apenas o exame de sangue para detectar possível anomalia no Brasil custa aproximadamente R\$ 7 mil, não está disponível na rede pública de saúde e não são todos os planos de saúde que oferecem cobertura para esse procedimento. O discurso da figura médica, que é calcado em referências de cunho científico, ganha força dentro do espaço midiático para a consolidação da ideologia do enunciador ao incentivar a realização dessa cirurgia. A apropriação desse discurso para a execução de ações, no caso a doutrinação para a realização da cirurgia, tem o intuito de ser uma tecnologia para controle e disciplina do corpo.

A apropriação discursiva na revista acontece quanto às fontes de informação: mulheres que passaram pelo mesmo problema que a atriz. Elas foram apresentadas em boxes acompanhados de imagens. O primeiro box (pp.92-93) de título “Bomba-relógio” apresenta Camila Mathias dos Santos, a irmã dela, Carolina, e Maria Amélia, mãe delas. Carolina, 28 anos e biomédica, foi detectada com a mutação do gene BRCA 1. A irmã está com diagnóstico de câncer de mama e a mãe já foi submetida à mastectomia dupla preventiva. A revista apre-

senta as seguintes falas de Carolina, ainda insegura sobre a realização da cirurgia: “Eu me sinto como se estivesse carregando uma bomba-relógio” e “Perdi a tranqüilidade”. O referencial entre bomba-relógio e morte se torna presente no discurso, certamente que a doença pode ser motivo de morte, todavia parece que são excluídas quaisquer alternativas para ter a “tranqüilidade” que não seja a cirurgia.

Em outro box (pp. 94-95), Tania Luiza Gine Faitarone, artista plástica, descobriu o câncer de mama quando tinha 35 anos. Na época, em 2008, fez tratamento quimioterápico, pois a doença estava em metástase no fígado. Após esse procedimento, foi submetida à mastectomia e a revista Veja apresenta que

O que parecia improvável alguns anos atrás aconteceu. Os focos da doença no fígado de Tania desapareceram. Há quarenta anos, mulheres com indício de células tumorais no fígado não tinham expectativas de vida superior a um ano depois de diagnóstico. Tania toma um quimioterápico, faz acompanhamento médico de três em três meses e observa feliz o crescimento de Maria Eduarda (idem, ibidem)

É interesse nesse discurso apresentado pela revista que a tecnologia, no caso a mastectomia, é tratada quase com um passo de mágica: “o inesperado aconteceu”. Na página seguinte, Maria Ivanilde Ribeiro, 60 anos, é apresentada no box com título “No alvo”, (p.96) quando foi diagnosticada com câncer de mama em 2012 e logo foi submetida aos tratamentos. Com um tipo raro e agressivo da doença (HER-2), ela disse à revista que “Estava me preparando para morrer” e tomou as medidas necessárias para conter o avanço da doença. No último box, intitulado como “Recomeço”, Andréa da Riva Tamaoki descobriu o câncer 2008. Como o pai teve câncer de próstata em 2001, “assustada, ela começou a fazer check-ups frequentes de modo a evitar que fosse pega de surpresa pela doença” (p.97). Por três anos, ela passou pela mastectomia, sessões de rádio e quimioterapia e fisioterapia para fortalecer a musculatura dos braços. “Não foi nada fácil, mas poderia ter sido pior se o tumor estivesse avançado”(idem).

A doença é o caminho para morte e a solução para esse problema se encontra na tecnologia, no controle e disciplina, uma espécie de educação enquanto um discurso performativo para o corpo. O uso da tecnologia para o nirvana da qualidade humana. Certamente que não tem como desconsiderar o avanço da medicina para a promoção de saúde e bem-estar, todavia, o discurso é uniforme, totalizante e dogmático. A tecnologia e o controle do corpo se tornam uma passagem plena e sem restrições para a felicidade. No trecho “A escolha de Angelina Jolie serve também como um alerta muitas vezes mais poderoso do que aqueles das campanhas tradicionais de prevenção de câncer” (p.91) evidencia mais uma vez a necessidade e a relevância dos processos tecnológicos para o controle do corpo. Assim, a tecnologia se sobressai ao orgânico do corpo, Le Breton (2012) aponta que

um corpo à altura dos desafios contemporâneos só pode ser uma estrutura biônica indiferente às antigas formas humanas. A técnica torna-se uma religiosidade, um tecnoprotetismo, um caminho de salvação para libertar o homem de seus antigos limites, doravante sentidos como fardos pesados (BRETON, 2012:26)

Essa relação sobre o corpo está presente na cobertura jornalística em questão realizada pela revista. A Veja também apresenta como legenda da imagem (p.93) em que a atriz aparece carregando no colo o filho Knox o seguinte enunciado: “A atriz carrega o filho Knox Leon, de 4 anos, apenas sete semanas depois da mastectomia. Na ocasião, ela ainda usava os expansores”. Acompanhando essas informações, ao lado se encontra um box em que a revista veiculou uma espécie de “passo-a-passo” sobre a cirurgia com figuras de mamas e os procedimentos adotados. Com o título “Como foi a cirurgia de Angelina”, o box apresenta informações de cunho científico como as medidas tomadas pelos médicos desde o pré-cirúrgico até à reconstituição das mamas, um período que durou de 2 de fevereiro a 27 de abril de 2013. É interessante a presença dos discursos verbal e imagético na mesma página, pois apresentam o intervalo da realização completa dos procedimentos, as medidas realizadas e a superação da atriz, uma atitude fáustica e destemida a despeito do sofrimento. Angelina é elencada

à condição de uma mulher destemida, expressões como “heroísmo de Angelina” (p.92) a qualifica como alguém fora do censo comum das mulheres, mesmo em publicizar a intenção da cirurgia era em nome dos filhos e da família, reproduzindo, assim, valores conservadores e burgueses da ordem social.

Há um interesse muito grande por parte da imprensa por assuntos ligados à genética. Essas matérias se tornam um caminho para o desenvolvimento humano e para as respostas que rondam os mistérios da vida. Bertolli Filho (2012), sobre as divulgações do genoma humano na imprensa, desenvolveu o conceito de “cultura genocêntrica”, que se caracteriza pelo forte apelo sobre os estudos genéticos para a investigação de questões que vão da cura de doença ao entendimento de referências subjetivas como, por exemplo, a homossexualidade e infidelidade. Essas informações veiculadas na mídia se tornam artefatos para o controle e disciplina.

José Luiz Aidar Prado (2013) apresentou reflexões interessantes sobre os movimentos realizados pela mídia para a formação dos dispositivos comunicacionais para a biopolítica. O autor abre um diálogo com o pensamento foucaultiano sobre as relações de controle dos indivíduos para a formação dos saberes pelo viés tecnológico e a participação da comunicação nesse processo.

Na medida em que os espaços de confinamento das sociedades disciplinares, cujo significativo maior era o Pai (a função paterna), começaram a ter suas fronteiras abertas, os media⁶ passaram a assumir parte do antigo papel de estabelecer e fazer circular discursos de estabilização dos saberes, de fixação das identidades e de andamento das instituições. As palavras de ordem que circulavam antes através da escola, da família e da empresa passam a ter efeito e ampliado com os media. (...) Nesse sentido, os media organizam a agenda do público, mas também realizam outras tarefas performativas de mapeamentos dos mundos, principalmente, apresentando narrativas de transformação (as novas dificuldades do mundo globalizado, as novas substâncias-

⁶ O autor trata o termo mídias enquanto uma palavra latina no plural, por isso media. Mesmo havendo posicionamentos teóricos divergentes quanto ao uso e conceitos dos termos, para essa pesquisa, mídias e media serão interpretadas como sinônimos.

de medicamentos a drogas-, como se preparar e aos filhos para ter sucesso no capitalismo flexível, como votar, como se comportar, etc.). Os media não atuam somente para informar, mas para fornecer mapas cognitivos/semióticos a seus leitores, pacotes para o leitor viver no mundo globalizado, situar-se nele, agir segundo certas direções, visando ter sucesso e prazer. (PRADO, 2013:107)

É pertinente o posicionamento do autor quanto aos processos de disciplina e controle do corpo, pois, se torna uma referência de modalização da subjetividade. A ideia fica mais presente na passagem em que apresenta a ressignificação do disciplinamento pelos discursos midiáticos e que de alguma forma promovem a ação pelo discurso, ao que ele chama de capitonages, se apropriando de um termo lacaniano que apresenta o discurso enquanto uma palavra de ordem.

Os media, hoje, atuam não com os antigos dispositivos de disciplinamento, pois constituem parte dos novos aparelhos de discursivização (ou aparelhos semióticos) da sociedade de controle: os media eletrônicos virtual/interativos, o cinema tipo hollywoodiano, os media de entretenimento, os media tradicionais, o marketing, a publicidade e, enfim, as redes, que também acolham aos antigos aparelhos de educação e disciplina, como a escola, a prisão, as Febems, os hospitais. Os corpos encarnam os discursos, atuando na sociedade de controle mais por capilaridade e por disseminação de imagens, linguagens e capitonages do que por lógicas exclusivas de punição e premiação. (idem, ibidem)

O autor ainda ratifica um posicionamento pertinente a essa pesquisa sobre o posicionamento da revista *Veja* enquanto um sujeito enunciador e a relação com os leitores do veículo. De acordo com Prado, a revista, que está em diálogo com o consumo, capital e representações de felicidade e prazer. É frequente a modalização do leitor é frequentemente comparado com a realidade dos Estados Unidos, como se os cidadãos estadunidenses sejam símbolos de sucesso e felicidade, uma mapeamento realizado no caso da atriz para com a doença e o corpo.

O discurso de ação da Veja ultrapassa o nível do texto informativo e se coloca na posição de indicar os passos e as ações necessárias (o dever fazer) do leitor que, uma vez informado sobre a novidade do mundo globalizado, pretende buscar sucesso. O que significa ter sucesso? Significa ter sua ação sancionada positivamente: esses sujeitos podem ser felizes, pertencem à parcela evoluída da humanidade, sabem mover-se no mundo, sai mais curiosos, estão acima da média e têm relação mais rica com o mundo, além de, em geral, acumular milhões ou bilhões de dólares. (idem:112)

Quanto ao leitor da revista, que para o autor é entendimento muitas vezes na condição de consumidor, é orientado

para a ação e dirigir suas formas de ler, situando-os performativamente em certas posições de sujeito enquanto enunciatários. Nessa direção, esse dizer põe para o leitor certos valores, criando um campo de visibilidades em que o enunciatário se estrutura de modos específicos a partir de posições modalizadas de sujeito. (p.114)

A essa modalização, o autor se refere, muitas vezes, à condição de acúmulo de bens e capital, a homogeneização dos fatos, como no caso a promessa de felicidade e saúde pela realização da cirurgia como algo simples e acessível. Como Prado coloca “basta ter atitude e dinheiro para pagar tudo isso tudo” (p.115). O discurso da revista Veja apresentado pelo autor não foi sobre a atitude da Angelina Jolie, mas vai ao encontro dessa pesquisa, pois a revista, de alguma forma, propõe a realização de transformação que

Sempre é construída a partir de uma visão não prene de antagonismos, posta a termo por um enunciador forte, que coloca o leitor na posição de quem precisa das instruções para a autoajuda. As reportagens de capa da Veja são inúmeras vezes crônicas da transformação com mapeamentos e modalizações de comportamentos (...) Veja constrói a moral do mais forte, do mais poderoso – essa é a contraparte de seu sucesso – isso diz de parte da audiência, de uma necessidade social atendida do leitor de classe média. Aquele que busca a vitória precisa de uma revista vitoriosa, de um enunciador potente, de opinião forte (idem:115)

Por isso, a necessidade da permanência de códigos que de alguma forma se articulam para a permanência do poder e das estratégias de mapeamento de disciplina, controle das subjetivações dos indivíduos.

Considerações Finais

Frente às reflexões apresentadas nesse artigo e a concepção do corpo de Angelina Jolie é a representação de um sintoma que se concretiza pelos comportamentos e signos compartilhados pela moral contemporânea. O corpo sai em busca de ressignificações, o devir moderno que exige a presença das estruturas inorgânicas e as expressões da tecnologia em um movimento que aniquila os compostos orgânicos e biológicos.

Com esse novo paradigma quanto às representações do corpo, os discursos midiáticos se apoderam dessa qualidade para disseminar uma condição de controle e disciplina. Um corpo apoteótico e fáustico que se representa de modo convincente as significações de felicidade e bem-estar e afasta as incidências da morte pelo consumo da tecnologia. Angelina Jolie se torna dentro das manifestações midiática uma porta-voz da vida que alia a tecnologia do inorgânico como modo de vida para a obtenção da felicidade.

Além disso, a revista *Veja* se coloca na condição de enunciatório para disseminar a própria ideologia capitalista e liberal para a homogeneização das representações de poder. A revista se torna também sintomática quanto à questão da cultura tecnológica e assume um papel de fortalecer e reproduzir um ideal da condição humana. Angelina é elevada à condição superior da condição humana por desafiar o próprio corpo, uma representação da cultura contemporânea.

Referências

CARENDDT, Hannah, **A Condição Humana**. Trad.: Roberto Raposo. Forense-Universitária: Rio de Janeiro, 1983.

- BERTOLLI FILHO, Claudio. **Genetocentrismo: mídia, ciência e cultura na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 3ªed. rev. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, 1986.
- CASTELLS, Manuel. **Fluxos, redes e identidade: uma teoria crítica da sociedade internacional**. In: CASTELLS, Manuel et. al. *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **Mil Platôs: esquizofrenia e capitalismo**. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DI FELICE. Estéticas pós-humanistas e formas atópicas do habitar. In: **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. 1ªEd. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- _____. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Hermenêutica do sujeito**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- _____. **A arqueologia do saber**. 4ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUATTARI, Félix. Da Produção de Subjetividade. In: André Parente (org.). **Imagem-Máquina: a era das tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ªed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LE BRETON, David. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre. **O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. – São Paulo: Cultrix, 1969.
- MORAES, Denis de. **Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.
- MORIN, Edgar. **Culturas de massas no século XX: o espírito do tempo**. São Paulo: Forense Universitária, 2011.
- MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. In: **Educação & Sociedade**., Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003.
- PIREDDU, Mario. A carne do futuro – utopia da desmaterialização. In: FELICE, Massimo; PIREDDU, Mario. **Pós-humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. 1ªEd. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010.
- PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: Educ:Fapesp, 2013.
- REVISTA VEJA. Edição 2322 – Ano 46, nº21 – 22 de maio de 2013.
- SIBILIA, Paula. **O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; NERY, Vanda Cunha. **Para entender as teorias da Comunicação**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.